

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO E PERSPECTIVAS FORMATIVAS SOBRE O ENSINO SUPERIOR: DO NONO AO "TERCEIRÃO"

Gabrielle Mansur Araujo

O presente trabalho se trata de uma pesquisa em andamento a nível de doutorado, insere-se no campo da pesquisa em educação e apresenta como escopo compreender como jovens três-lagoenses, pertencentes às camadas populares, constroem suas percepções, expectativas e sentidos acerca do ingresso no ensino superior público. Será analisado de que modo essas representações são produzidas ao longo da trajetória escolar, considerando tanto os condicionantes sociais e culturais que atravessam suas experiências quanto as transformações recentes no cenário universitário brasileiro. A hipótese é que jovens de camadas populares não adentram ao ensino superior por falta de senso de pertencimento.

Nas últimas décadas, o Brasil vivenciou uma expansão significativa do ensino superior, impulsionada por políticas governamentais que buscaram democratizar o acesso e ampliar a inclusão de grupos historicamente subalternizados. Elas transformaram o cenário educacional brasileiro, facilitando a entrada de estudantes de segmentos populares em espaços antes marcados por forte elitização.

Historicamente, o ensino superior é um lugar material e simbólico de grande relevância na sociedade brasileira. Ele é concebido como espaço de produção de conhecimento, formação crítica e possibilidade de ascensão social. No entanto, embora amplamente valorizado no imaginário social, o ingresso no ensino superior não se constrói apenas no momento da escolha profissional ou durante o último ano da educação básica. É um processo muito mais longo, permeado por vivências, discursos, referências sociais e culturais, e desigualdades que atravessam o percurso formativo do indivíduo. Nesse contexto, compreender adolescentes elaboram a ideia de ingressar no ensino superior torna-se não apenas relevante, mas necessário.



A formação cultural tem como requisitos a autonomia e a liberdade, no entanto, pode encontrar limites nas estruturas colocadas para cada indivíduo de acordo com sua classe, sem deixar de propagar tal formação como esperança última para uma autonomia real da própria vida do sujeito. Adorno (2005) reforça que a cada elevação do nível de vida, institui-se níveis mais avançados de formação como índice para ser considerado integrante de camadas mais altas, do ponto de vista formativo em novas tentativas de se distinguirem das camadas populares. Ou seja, o acesso a formação plena é considerado não só um privilégio, mas um marco importante para distinção entre sujeitos.

Afirmando essa teoria, o Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2025 apontou que houveram melhorias no que diz respeito a trajetória escolar das crianças e adolescentes brasileiros: houveram mais matrículas e menores índices de distorção de idade-série e evasão escolar. Porém, ressalta que apesar disto, o índice de aprendizagem adequada para o 3º ano do Ensino Médio encontra-se estacionado em 7,7% desde 2023, e que entre os jovens pertencentes à camada mais pobre possuem apenas 2,4% com aprendizagem adequada. O instrumento também mostra que de jovens de 15 a 17 anos que frequentam o Ensino Médio, 92% deles estão entre os 20% mais ricos e apenas 72% entre os 20% mais pobres, ou seja, 28% dos jovens pertencentes a camadas mais pobres não frequentam o Ensino Médio regularmente. O índice fica mais alarmante quando o Anuário mostra que apenas 56% dos jovens de 19 anos mais pobres concluem essa etapa da educação básica.

Foi criado no imaginário social uma dicotomia acerca do ensino superior: para muitos, ele se tornou um espaço de intelectuais, saberes eruditos e formado por pessoas que nasceram com o "dom do estudo"; para outros, um espaço de conhecimento e formação diante de uma profissão específica. Ambos não se contradizem, mas se complementam. Historicamente, o ensino superior foi restringido às elites, hoje, com a democratização da educação, apesar de suas mazelas, abriu-se frestas para o ingresso de jovens e adultos das camadas populares.

A leitura articulada de Ristoff (2014) e Sguissardi (2015) revela que a expansão do ensino superior brasileiro nas últimas décadas produziu avanços inegáveis, mas

profundamente tensionados. O diálogo entre esses autores mostra que a expansão do ensino superior no Brasil é um processo ambíguo: democratiza ao mesmo tempo em que aprofunda desigualdades internas ao sistema. A presença de novos grupos sociais no campus representa avanço, mas permanece limitada ao submeter grande parte da oferta à mercantilização educacional. Dessa forma, discutir ingresso de estudantes das camadas populares exige reconhecer que a abertura das portas do ensino superior, embora necessária, não rompe estruturalmente a reprodução das desigualdades educacionais.

Diversos autores já realizaram pesquisas sobre o ingresso de jovens provenientes de camadas populares nas instituições de ensino superior, como Cruz (1997); Lahire (1997); Piotto (2007); Portes (2001) e Vianna (1998). Apesar de cada uma carregar suas singularidades, existem pontos que se convergem e exibem as dinâmicas sociais exercidas pelos entrevistados e todos aqueles que o rodeiam. Um deles é que os entrevistados são tidos como sujeitos disruptivos que foram capazes de “escapar” dos mecanismos que os levariam ao fracasso escolar como a precarização das escolas públicas, necessidade de conciliar trabalho e estudo, e a responsabilidade familiares precoce. O outro ponto que todos autores destacam em suas pesquisas é que esses sujeitos dispuseram de redes apoios, formadas por famílias, amigos e professores. Lahire (1997) ainda destaca que esses fatores são determinantes para que jovens de camadas populares mantenham vivos expectativas de futuro, mesmo com contextos adversos.

De acordo com o Censo Escolar 2025, atualmente na rede de ensino do município de Três Lagoas – MS, existem 26.881 estudantes matriculados no ensino regular. Contudo, ao analisar os dados por etapa escolar, a quantidade de matrículas vai diminuindo conforme o avanço da vida escolar: 8.595 matrículas no Ensino Fundamental (anos iniciais); 7.145 matrículas no Ensino Fundamental (anos finais) e apenas 4.517 matrículas no Ensino Médio. Isso nos mostra que os jovens de Três Lagoas não estão finalizando o Ensino Médio, portanto, para analisar como a perspectiva de ingresso ao ensino superior é construída por eles, foi escolhido o 9º ano do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio, duas etapas marcantes na educação básica caracterizadas como finais de um ciclo de educação. Ao



conversar com esses estudantes, poderemos compreender como elaboram suas expectativas, essa escuta permitirá analisar quais discursos circulam no ambiente escolar e evidenciar quais sentidos atribuem ao ensino superior e de que maneira articulam essas concepções com suas próprias trajetórias escolares. Assim, busca-se investigar não apenas o desejo pelo ingresso no ensino superior, mas também as condições sociais, simbólicas e materiais que sustentam — ou limitam — a permanência e a continuidade dos estudos entre jovens das camadas populares.

Palavras-chave: Ensino Superior; Jovens; Educação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Teoria da Semicultura. Primeira Versão, Porto Velho, No 191, ago. 2005. ISSN 1517-5421.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo Escolar: painel interativo de indicadores educacionais. Power BI, [s.d.].

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022: tabelas do Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA.

LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. Tradução de Francisco da Silva. São Paulo: Ática, 1997.

PIOTTO, Débora Cristina (Org.) Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PORTES, Écio Antônio. Trajetórias e vivências universitárias de estudantes pobres em cursos altamente seletivos da UFMG. 2001. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

RISTOFF, Dilvo. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 723–747, 2014.

SGUISSARDI, Valdemar. Educação superior no Brasil: democratização ou massificação mercantil? Educação & Sociedade, Campinas, v. 36, n. 133, p. 867-889, out./dez. 2015

TODOS PELA EDUCAÇÃO; FUNDAÇÃO SANTILLANA. Anuário Brasileiro da Educação Básica 2025. 12. ed. São Paulo: Todos pela Educação Fundação Santillana/Editora Moderna, 2025.

VIANA, Maria Jose Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. 1998. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.